

Ô DE CASA, Ô DA RUA: TERRITÓRIO E DERIVAS NA PROSTITUIÇÃO MASCULINA DE RUA EM JOÃO PESSOA

WAGNER DE OLIVEIRA LIMA*
Universidade Federal da Paraíba

No mundo ocidental o status de macho não é só discursivamente valorizado. Há socialmente, um incitamento constante de comprovação da masculinidade a partir da virilidade, definida pela estética (vestimentas e acessórios, por exemplo), como pelas posturas em sociedade ou grupo (a exemplo da seriedade e agressividade). Estas imposições, apresentadas sob o argumento de tradição, são construídas a partir da apropriação do homem no território, seja ele o espaço vivido ou apenas o espaço de trânsito e deriva. O percurso que faço neste artigo é o de discutir, a partir da experiência etnográfica com os michês¹ no Centro de João Pessoa (PB), a importância do território em duas perspectivas: a casa e o bairro, como espaço de construção da identidade e papel social, correspondendo aos preceitos da tradição patriarcal (Albuquerque Jr., 2001); o Centro da cidade, a região homoerótica, como espaço de deriva e práticas afetivo-sexuais com outros homens.

O Centro de João Pessoa é o espaço que nos propomos analisar junto ao contraponto do ambiente familiar, a casa e o bairro a partir da visão dos informantes. A cidade, habitada por 660.798 pessoas², possui uma área territorial em torno de 211km quadrados³. O nosso interesse durante a pesquisa foi o território compreendido pelo Centro, incluindo o Varadouro, que juntos são responsáveis por 3,107km quadrados da área territorial total da cidade.

DaMatta (19986) explica que a casa e a rua são complementares nesta dinâmica do cotidiano na vida das pessoas. “No Brasil, casa e rua são como os dois lados de uma mesma moeda. O que se perde de um lado, ganha-se de outro. O que é negado em casa - como o sexo e o trabalho - tem-se na rua”. Nesta perspectiva, rua e casa se configuram como oposto, sendo o primeiro o espaço da luta, da disputa, do imprevisto e dos perigos; e o segundo, o lugar de inclusão, do pertencimento e compartilhamento de uma série de sentimentos, regras, valores e práticas.

O recorte feito neste artigo envolve diretamente a pesquisa qualitativa voltada para oito michês e um agenciador que atuam nas áreas do Centro, a principal região homoerótica (Da Silva, 2005) da cidade. A intervenção dos michês nestes espaços é o da passagem e da mobilidade. A mobilidade que nos referimos está ancorada na conceituação proposta por Balandier (1997) como uma característica da modernidade atual em que prevalece o movimento, o que é fluído. Espaço pertencente a um tempo em que “(...) a única certeza é a do movimento, onde toda a ordem parece se dissolver na sucessão de mudanças, onde o real parece se seduzir em transformações ou simulações múltiplas a escapar de qualquer tentativa de exploração”. É sob esta perspectiva que os michês se jogam à deriva nas calçadas e logradouros em busca de clientes que transitam pelo Centro.

Embora invisível, há uma cena homoerótica em João Pessoa, especialmente no Centro, alternando-se em espaços denominados de guetos homossexuais, que se referem a espaços urbanos públicos ou comerciais – parques, praças, calçadas, quarteirões, estacionamentos, bares, restaurantes, casas noturnas, saunas – onde as pessoas podem encontrar-se e compartilham de uma vivência homossexual; e de espaços conhecidos como heterossexuais e que passaram a receber um público frequentador diverso e misto.

Compreendem os guetos os bares/boates instalados na rua Duque de Caxias⁴, a Praça João Pessoa, especialmente à noite, a sauna Vapor 188⁵ e o bar instalado no terraço da Associação Paraibana de Imprensa (API), Sua Oca Bar, localizada na rua Duque de Caxias, o bar/boate Holiday, situado na rua 13 de maio. Por outro lado, espaços anteriormente não

ocupados, ou pouco procurados, por grupos de homossexuais e até de michês têm merecido maior frequência como os quiosques da Lagoa e a Praça de Alimentação de um shopping de grande frequência de público no Centro de João Pessoa⁶, sendo este último território de alguns michês no horário em que não estão “batendo calçada”.

Estes territórios que nos debruçamos durante a pesquisa são interligados por um fluxo permanente de clientes, de diversas orientações sexuais, e passantes que criam suas próprias formas de exclusão e/ou aglutinação de acordo com a identidade social ou sexual, a prática sexual e a classe social. O conceito de Território é entendido por Guattari (1986) como sinônimo de apropriação e pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no qual o sujeito se sente “em casa”. O conceito, em si, refere-se ao modo como os seres humanos se organizam em territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes. Nosso intuito é utilizar o conceito proposto por Guattari confrontando-o com o conceito de Não-Lugares, trazido na discussão sobre a Antropologia da Supermodernidade realizada por Augé (1994), com a prática dos michês durante a pesquisa de campo.

Os não-lugares são espaços fluídos. Espaços de ninguém. A supermodernidade, segundo este autor, é produtora de não-lugares. A discussão sobre o território nos impõe algumas questões: Os michês agem e interagem do mesmo modo em seu bairro como na região homoerótica do Centro? O que está a ser modificado constantemente em função de onde esteja o michê se movimentando? Percebemos, ao indagar como os informantes entraram na prostituição que os primeiros contatos com outros homens no bairro em relações homoeróticas surgem como uma espécie de “iniciação” até a experiência do *trottoir*⁷ nas ruas do Centro, como argumentam nossos informantes.

“Começou do nada. Tava numa festa, uma bicha me chamou pra sair, tomar uma, que me dava uma grana e comecei nessa. (Fabiano⁸, 20 anos, michê)”

“A primeira vez foi com um cara lá do meu bairro que deu em cima de mim aí saí. Eu faço programa há 8 meses”. (Milton, 21 anos, michê)

O trânsito dos michês por outros espaços, além de sua comunidade ou bairro vem se integrar ao que Albuquerque (2004:133) denominou de construção de trilhas de sociabilidade homoeróticas no Nordeste brasileiro nos anos 70 e 80:

As ruas, praças, banheiros públicos, praias e becos também são descritos como lugares onde os homossexuais estariam construindo seus espaços de sociabilidade e de vivência do homoerotismo, utilizando para isso estratégias e táticas ensaiadas e aprendidas no cotidiano, na ‘batalha’.

Os michês, embora não se reconheçam como homossexuais, interagem dentro desses espaços, sobretudo, porque todos os pontos de prostituição viril que identificamos do Centro até a orla são também pontos de pegação⁹, de entretenimento e/ou interação homossexuais. Os michês transitam por todos esses espaços de forma pontual, no entanto, a convergência maior deles para a prática do *trottoir* é no Centro, que se configura no espaço por nós estudados a partir da frequência dos michês como mais um “personagem” na cena homoerótica do Centro de João Pessoa, no qual eles são personagens anônimos e, desta forma, sofrem menos controle social.

Devido à violência na região do Centro, o trânsito dos michês tem começado no período da tarde. O ritual de preparação inclui os contatos antecipadamente com o agenciador e outros colegas de atividade até o descer dos bairros para a região central. A maioria vem de bairros da chamada periferia da cidade: Ilha do Bispo, Cruz das Armas, Mandacaru, Alto do Mateus, Bairro das Indústrias, Conjunto Padre Zé, Varadouro e Mangabeira.

O caminho percorrido pelos michês até a região homoerótica do Centro é basicamente o mesmo: descem na Lagoa¹⁰, transitam inicialmente pelo Ponto de Cem Réis, passam pelo Terminal Rodoviário, apenas alguns deles, até chegar à Praça João Pessoa, último ponto antes do retorno à Lagoa no início da noite, local onde transitam cerca de 80 mil pessoas¹¹ durante todo o dia. O espaço é aglutinador de pessoas de todas as classes sociais, muitas delas frequentadoras da Lagoa no final da tarde e início da noite, período em que os quiosques são mais procurados para o consumo de bebidas, bater papo, cantar em videokê e paquerar.

Neste espaço de deriva tudo é permitido, principalmente, o homoerotismo. No entanto, há um elemento integrador dos michês nos dois espaços (bairro e centro): a masculinidade. É a partir da construção social do que é ser macho, que os michês se integram nestes espaços em busca da afirmação e confirmação de seu papel, que é o de ser o sujeito do sexo que se apropria do objeto sexual. Para estar e permanecer no Centro é preciso inicialmente se autoafirmar como homem.

Assim, macho mesmo, do ponto de vista sexual é fraco, ou seja, não se segura. A virilidade supõe, então a disponibilidade total para a realização da atividade sexual e está associada ao lugar simbólico do masculino como lugar da iniciativa sexual. (MACHADO, 2004: 43)

A deriva homoerótica dos jovens michês é a concretude desta “fraqueza” e disponibilidade sexual, afinal, é por meio de sua desenvoltura com os parceiros que o homem prova sua potência sexual e reafirma sua condição de macho. Nas ruas, as classificações não se limitam às identidades e/ou práticas afetivo-sexuais. Os sujeitos são classificados pelos corpos e atributos que possuem e seus usos possíveis e impossíveis, situação a qual estão submetidos tanto os michês quanto os clientes pela lógica da oferta-procura. Portanto, a masculinidade e o corpo são atributos culturais e relacionais em permanente regulação. Exemplo dessa importância do corpo, especificamente na prostituição, é a procura que os clientes fazem por michês com atributos viris¹².

A casa e a rua não são meramente espaços geográficos, mas modos de ler, explicar e falar do mundo (DAMATTA, 1986). A rua, ao contrário da casa, é o lugar da disputa e do enfrentamento. É o lugar onde o sujeito é colocado à prova constantemente para firmar sua existência, e não a sua permanência, no âmbito mundano. A virilidade, empreendida pelos michês, é uma resposta a essa necessidade de sobrevivência no “espaço de ninguém”. Por outro lado, a casa e o bairro são os espaços de constituição da moral e do respeito. Nestes dois territórios a definição do que é ser homem ganha uma conotação diferenciada. Quando o contexto é o bairro, ser homem está vinculado ao aspecto moral de manter uma postura discreta no tocante à sexualidade. Este comportamento implica, por outro lado, uma imposição de respeito às demais pessoas.

“Respeito e consideração moral. Não deixar ninguém lhe rebaixar, lhe desrespeitar. (André, 22 anos, michê)”

“Ser homem pra mim é tudo, é ter moral de homem, andar na boa como outro qualquer. (Fabiano, 20 anos, michê)”

“Ser homem é manter o respeito na sociedade porque não tem diferença o homossexual que se considera mulher. Mais vale o respeito que se coloca pra sociedade. Acho que ser homem é manter o respeito diante de todos acima de tudo. (Carlos, 18 anos, michê)”

A condição de homem configura-se como superioridade, a partir da apoderação sexual

do outro, quando a mesma pergunta do conceito de homem é provocada a partir do território do Centro.

“É ser honesto, não ficar por aí desmunhecando”. (Milton, 21 anos, michê)

“Eu me considero homem porque eu sempre faço a parte do homem. Pra mim a parte do homem é não ser tocado nas partes íntimas: na bunda. Não deixar penetrar. Tocar, relar... normal, mas não deixar penetrar. Ser penetrado é coisa que sei lá, pra mim não se encaixa”. (David, 25 anos, michê)

Neste aspecto, traços, comportamentos e posturas ditas femininas são repudiados através da discriminação a afeminados. Isso porque o que está em jogo é o confronto de identidades, tendo o modelo de masculinidade hegemônica (Kimmell, 1998) do Nordeste, o macho viril, como referencial em contraponto com um “desvio” ocasionado pela afeminação de um homem. “A virilidade não é dada de saída. Deve ser construída, digamos ‘fabricada’. O homem é, portanto, uma espécie de artefato e, como tal, corre sempre o risco de apresentar defeito” (BADINTER, 1993).

Guattari & Rolnik (1986) associam identidade ao reconhecimento social, de modo que ela possa revelar muito do espaço, dos símbolos e experiências que os indivíduos compartilham. A identidade pode configurar-se de forma múltipla e plural em um mesmo indivíduo, no entanto, essa pluralidade, na análise de Castells (2002), é fonte permanente de tensão e contradição, sendo necessária distinção entre identidade e papéis, porque o primeiro é fonte mais importante de significados do que papéis, por causa do processo de autoconstrução e individuação que envolvem. “Em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados e papéis organizam funções”. Desse modo, a identidade surge a partir do processo de individuação, tornando-se fonte de significados para os atores sociais, enquanto que o papel social é determinado aos indivíduos pelas normas definidas e geridas pelas instituições e organizações da sociedade, de modo que a influência dessas normas depende de negociações e acordos firmados entre os indivíduos e essas instituições.

O retorno ao bairro ou comunidade é o (re)encontro com a vida cotidiana, mas, sobretudo, com as formas de atualização das masculinidades. A purificação do corpo é buscado através do banho, primeira atitude citada pelos informantes. O banho, neste caso, representa a busca pela eliminação de vestígios do sexo do outro, o cliente. As rodas de conversa e sessões de videogame entre amigos aparecem como aspectos integradores dos michês de volta à sua rotina e de realimentação da matriz das masculinidades.

“Eu não bebo nada. Quando termino vou pra casa. Tomo banho aí como alguma coisa. Geralmente vou jogar vídeo game, ver tv ou conversar com meus amigos. Eles não sabem o que eu faço, só quatro mais próximos. (Carlos, 18 anos, michê)”

“Quando termino vou pro bairro, às vezes bater bola, tomar banho. (João, 19 anos, michê)”

Estes relatos compõem alguns dos rituais de atualização da masculinidade vivenciados pelos michês de sua trajetória de homem viril no Centro ao jovem de família no bairro onde mora. Os rituais da rua são o da deriva e paquera, os de retorno à casa são os de eliminar vestígios dos clientes.

Fazendo uso dos atributos como virilidade e dos dotes corporais como a própria musculatura adquirida a base de horas nas academias, os gestos, os movimentos do corpo, os michês identificam nas ruas o percurso à construção de masculinidades sobre os próprios

corpos: ser corajoso, ter moral, ser respeitado, ser potente sexualmente e não ser efeminado e passivo como os homossexuais e as mulheres.

O que se constitui neste trabalho como objeto de pesquisa não compreende um estudo sobre um grupo homogêneo, mas sim, uma pesquisa sobre indivíduos que possuem a prática do trottoir no Centro de João Pessoa, transitam pelos mesmos territórios sem construir laços e relações afetivas nestes espaços, se valendo da (s) masculinidade (s) para sobressair-se diante dos demais michês e conquistar clientes para os programas. A característica de mobilidade (Balandier, 1997) tem sua razão de ser: proporciona a invisibilidade da atividade, aspecto que agrada aos michês e aos clientes e da possibilidade de novos clientes a partir da deriva pelo Centro.

Ao corpo seriam imputados esforços a garantir o desempenho sexual satisfatório, (re)validando o status de viril ganho à custa de muito esforço, enfrentando os demais michês e impondo sua virilidade aos clientes. Segundo Nolasco (1993:70), a forma como os homens vivenciam a sexualidade é outro aspecto a ser considerado porque:

(...) no contexto do desempenho sexual é a preocupação com uma suposta normalidade, que fica referida ao 'folclore' de que um homem deve ter inúmeras relações sexuais em reduzidos intervalos de tempo, chegando ao orgasmo em todas elas. Também nas relações sexuais estão embutidas noções de produtividade e eficiência a serem apresentadas ao outro. Para tanto, o tamanho dos genitais define ou não o sucesso desta empreitada (...).
(*Op.cit*)

Esta preocupação dos homens com a desenvoltura sexual, citada por Nolasco, embora se refira a um modelo masculino imaginário de vivenciar as experiências sexuais, está presente nas ruas de João Pessoa, mesmo que no plano "ideal" dos discursos. A sexualidade masculina está implicitamente vinculada à "atividade" como destacamos anteriormente. Durante a interação nos programas, embora alguns dos michês garantam que não desempenham o papel de passivo, demonstram-se abertos a trocas de carícias, beijos ou sarros.

Neste percurso entre o bairro e o Centro, entre a primeira relação homoerótica próximo à casa até o agenciamento do corpo no mundo viril, os michês tendem a "aprender" a atingir o mais alto grau da virilidade a partir da violência, da força e da agressividade em espaços não mais de apropriação subjetiva e de vivência. O percurso no Centro é o da mobilidade em lugares fugazes, pertencentes a ninguém, pois, como as pessoas são desconhecidas, o controle social diminui.

As masculinidades, ou traços delas, enquanto atributo cultural atualizado de acordo com o período histórico e sociedade, como podemos identificar não se restringe a conformação de discursos. As masculinidades imprimem sobre as subjetividades "coreografias" de gestos másculos e práticas sexuais que implicam a apoderação do/a parceiro/a tanto no plano discursivo e afetivo como sexual. Este é o aspecto fantasmagórico da existência masculina e sua construção de significados nos territórios, como espaço passível de leitura do mundo e de uma multiplicidade de identidade, dentro e fora de casa, que podem revelar o quanto ser homem é uma questão de posição.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Jr., Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª Edição. Rio de Janeiro, Editora Cortez, 2001.

_____. **Nordestino – uma invenção do falo**. Uma história do gênero masculino

(Nordeste – 1920/1940). Maceió, Edições Catavento, 2003.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, São Paulo, Papyrus Editora, 1994.

BADINTER, Elisabeth. **XY**: Sobre a Identidade Masculina. 2ª Edição. Tradução Maria Ignês Duque Estrada.

BALANDIER, Georges. **A Desordem**: Elogio do Movimento. Tradução Suzana Martins. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1999. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1993.

CASTELLS, Manuel. A era da informação: cultura, sociedade e cultura. **O poder da identidade**. Volume 2. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2002.

CONNELL, Robert. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 1995.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro, Rocco, 1986.

DA SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.) **Identidade e Diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, Editora Vozes, 2000.

DA SILVA, José Fábio Barbosa . “Lembranças passadas a limpo: a homossexualidade masculina em São Paulo”. In. **Homossexualismo em São Paulo e Outros Escritos**. GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo. (Orgs.) São Paulo, Editora UNESP, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 8ª Edição. São Paulo, Edições Loyola, 2002.

_____. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro, Graal, 1989.

FRY, Peter e MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo, Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo. (Orgs.) **Homossexualismo em São Paulo e Outros Escritos**. São Paulo, Editora UNESP, 2005.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1986.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7ª Edição. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2002.

_____. Quem precisa de identidade? In.: **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

KATZ, Jonathan Ned. **A Invenção da Heterossexualidade**. Tradução Clara Fernandes. Rio de Janeiro, Ediouro, 1996.

KIMMEL, Michael S. A Produção Simultânea de Masculinidades Hegemônicas e Subalternas. In. **Corpo, Doença e Saúde**. (6): 103-118, Porto Alegre, Revista Horizontes Antropológicos, nº 9, 1998.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Sociedade Hipermoderna**. Porto Alegre, Barcarola, 2004.

MACRAE, Edward. Em Defesa do Gueto. In.: **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. (Orgs.) Green, James R., e Trindade, Ronaldo. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU/Edusp, 1974.

PARKER, Richard. **Abaixo do equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Rio de Janeiro, Editora Record, 2002.

PERLONGHER, Nestor. **O Negócio do Michê – A Prostituição Viril**. 2ª Edição. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.

* Mestre em Sociologia pela UFPB

¹ Nestor Perlongher define o termo michê como utilizado para se referir ao ato de se prostituir independente de quem sejam os sujeitos desse contrato. Michês também serve para denominar jovens que se utilizam de protótipos gestuais e discursivos de masculinidade durante a prática da prostituição de rua para atrair clientes.

² Dados obtidos no site do IBGE através do endereço: <http://www.ibge.gov.br>

³ Em relação à extensão territorial da cidade de João Pessoa há duas informações diferentes: a primeira, obtida no site do IBGE (através do endereço <http://www.ibge.gov.br>) consta uma área territorial de 211km quadrados. Na Diretoria de Geoprocessamento da Secretaria de Planejamento (Seplan) da Prefeitura Municipal de João Pessoa, a informação é a de que esta área é de 210,45km quadrados.

⁴ Embora a rua seja uma das maiores referências para o público GLBT, há uma rotatividade grande de bares que são criados na rua Duque de Caxias.

⁵ A Sauna Vapor 188 funciona na rua Afonso Campos, paralela a Avenida Pedro II, no Centro. Sem letreiros ou faixas, a casa não possui identificação externa, apenas a cor verde a diferencia do “estilo” dos demais imóveis.

⁶ O Shopping está localizado no Centro a poucos metros da Lagoa do Parque Sólon de Lucena. Gradativamente, a Praça de Alimentação do estabelecimento vem se tornando um espaço de convergência e de encontro de homossexuais e michês de vários bairros, incluindo-se aí moradores das cidades vizinhas que compõe a região metropolitana como Bayeux, Cabedelo e Santa Rita.

⁷ Fazer prostituição de rua, em calçada.

⁸ Os nomes dos michês são todos fictícios devido à própria exigência dos informantes em manter o anonimato.

⁹ Ato de paquerar ou troca de carícias em locais públicos podendo chegar ao sexo propriamente dito. Os encontros de pegação geralmente ocorrem em praias, banheiros públicos, cinemas, entre outros.

¹⁰ Lagoa do Parque Sólon de Lucena é a área central de João Pessoa, que conta ao seu redor com shopping, bares, comércio, residências e prédios públicos.

¹¹ Dados informados pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP) e divulgada na imprensa paraibana.

¹² Informação dada pelo agenciador sobre os atributos que os clientes buscam nos michês.